

# Crepúsculo

Vazio (NOVAS REDONDILHAS  
E VERSOS CRIoulos)

Antonio Carlos Machado



*Antonio Carlos Machado*



Antônio Carlos Machado

## **Crepúsculo Vazio**

Novas Redondilhas e Versos Crioulos



Passo Fundo  
2012



Antônio Carlos Machado

**Crepúsculo Vazio**

Novas Redondilhas e Versos Crioulos

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [zanette@zanette.com.br](mailto:zanette@zanette.com.br)

Disponível no formato eletrônico /e-BOOK.

Do Livro Poesia, -Passo Fundo: P. Berthier, 1984. 112p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 11/05/2012

M149c Machado, Antônio Carlos

Crepúsculo vazio [recurso eletrônico] / Antônio Carlos Machado. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-46-2

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## **SUMÁRIO**

SUMÁRIO.....	7
(NOVAS REDONDILHAS E VERSOS CRIoulos).....	9
CREPÚSCULO VAZIO.....	11
ESBOÇOS TRAÇADOS EM LINHAS ESQUIVAS.....	12
DESAFOGO CONFRANGIDO.....	15
TRAUTEIO EM RITOMO FURTIVO.....	16
INCÓGNITA TOTAL.....	18
INQUIETAÇÃO.....	19
IMAGEM IMPLACÁVEL.....	20
ASTILHAS SEM VALOR.....	22
PERMANÊNCIA NO TEMPO IMARCESCÍVEL.....	24
RESPLENDOR EFETIVO.....	26
ACORDES EM FLUXO CONSTANTE.....	28
NO FREMIR DA ÂNSIA IRRADIANTE.....	31
MOMENTO AUGUSTO.....	32
ANSEIO PRIMORDIAL.....	33
CHISPA NA CINZA.....	34
TONADILHAS EM VIBRAÇÕES CONDENSADAS.....	35
PELA ANTICLINAL ABRUPTA.....	38
PULCRA SONATINA.....	39
ACRE INSUFICIÊNCIA.....	41
REALIDADE INTRANSFORMADA.....	43
PEGADAS DO MEU BORDÃO.....	44
PALAVRAS ÍNTIMAS.....	48
EUFORIA EMERGINDO DO VÉRTICE.....	49
INTERREGNO ALUMBRADO.....	50
MONOFONIA CINÉREA.....	51
CICLO TRANSFIGURADO.....	53
SOFREGUIDÃO EM CATADUPAS.....	54
CONSUMAÇÃO DIFUSA.....	56
SIGNO COMPACTO.....	57

CERTEZA PENOSA.....	58
NO ARFAR DA MARCHA DILUIDA.....	59
PÁSSARO CATIVO.....	60
NO RECESSO DA POLPA ARRANCADA.....	61
TÚMIDA DOLÊNCIA.....	62
FRÊMITO CONTUNDENTE.....	64
FATALIDADE AGRESSIVA.....	65
EFUSÃO INSOFRENÁVEL.....	66
CHAMA CONCÊNTRICA.....	68
DENSA CRISPAÇÃO.....	69
GRITO SEM FIM.....	70
RETORNO AO GAZEL.....	72
HAICAIS.....	73
VILANCETE.....	74
VOO CONTRA O VENTO.....	75
MURMÚRIO REINCIDENTE.....	76
PENTASSÍLABOS AO FLUIR DOS DIAS.....	77
SENDA DE PERCALÇOS.....	78
REVERBERAÇÃO COMPULSIVA.....	81
CERTEZA DESFRALDADA.....	83
CANTO EM LEVES VOLUTAS.....	84
INEXTINTO VETÍGIO.....	86
SEXTILHAS DE GALPÃO.....	88
CHINOCA, CHINOCA!.....	90
QUERÊNCIA.....	92
CHASQUE AO CHIRU AMIGO.....	93
CARRETA.....	95
O VELHO CARRETEIRO ASSIM CANTAVA.....	98
PINGUANCHA-MENINA.....	100
CHINA FLOR-FLOR.....	102
À BEIRA DO FOGO.....	104
SOB A QUINCHA DO RANCHO.....	106
VILA FLORES.....	107
PASSADO E PRESENTE.....	109
TROPEADA DE RIMAS.....	112
RÚSTICO MANOLHO.....	117
COLÔNIA.....	120
CAMPO DE QUATORZE QUADRAS.....	122

## CREPÚSCULO VAZIO

### (NOVAS REDONDILHAS E VERSOS CRIoulos)

A Propósito de “Safrá Amarga” e “Pântano Florido” de ANTONIO CARLOS MACHADO.

Helando Marques de Souza

O inclito Advogado, Jornalista e Escritor, nascido em Santiago/RGS vem “matar” as saudades do Rio de Janeiro, onde esteve exercendo variadas atividades na imprensa, e nos deixa presente em forma de poesia, ora plantada num “Pântano” que se nos desabrocha em flores, ora fluindo de uma “Safrá” carregada de dor. Todavia, aqui, consola o “amigo”, e ainda o conforta pelo sofrimento que o próprio autor carrega: “Tão pesada carga / E o triste que sou! – esse, o primeiro “passo” que Antonio Carlos Machado nos deixa, afirmando adiante ser o que lhe restou.

Porém, percebemos que não é à toa que morremos e renascemos na poesia de Antonio Carlos, expressiva amostra do brilho alcançado pela arte do poetar, onde VIVEMOS a “Estiagem”, onde juntos choramos a “Litania Outonal” que se prolonga nas “Noites Mansas” (“O Choro de bandolim/Nunca chorava sozinho...”). Assim, parece-nos que mais uma vez é corretiva, perscruta o mistério humano, numa desesperada reflexão existencial, em “Sinais dos Tempos”: “Puros oxigênios / Já são raros no ar / Que divinos gênios / Nos podem salvar?”... E eis a reforma íntima, o equilíbrio, enfim a harmonia que tanto sentimos ao longo da poética de Antonio Carlos Machado, já quase pontuando com todo amor contido nos versos e no entreverso, onde uma espécie de luz cósmica faz do homem um iluminado: “Contemplo a luz de Belém / E se hinos ergo ao céu / Dos anjos ouço o amém...” (“Sonetinho Místico”) – esse, o fruto do auto-artisanato no livro SAFRA AMARGA.

Dessa forma, em todo contexto, tanto musicalizado! Só poderia surgir de um “pântano” a moldura das flores (findando com todo o pântano?). Na verdade, como disse Kafka, “a missão do poeta é profetizar”, e nos *sente* Antonio Carlos Machado na poesia “Pântano Florido”: “De arestas coberto/ O solo tem fome/ De seiva e resinas!/ Aqui no deserto/ A relva já some/ Não colho boninas/ Os sóis dardejantes/ Têm

setas ferinas!/ Afagos não sinto/ E amenas campinas/ Distantes pressinto!”.

E verdadeiro soprar de emoções vão nos levando, página por página... “*Instantes Inextinguível*”, “*Evidência Envolvente*”, todas as poesias enfim encerrando ora uma reflexão ora uma clarificação, onde empatizados com o poeta, nos deleitamos com a realidade profunda que parece devir de uma estrela dentro de seu coração, a claridade de sua vida e de seu sonho... Do amplo coração sempre aberto, da urna de bondade e ternura de que brota fonte tanto radiosa!

Isso explica os enfoques verbais que desenham o Sul em tantas outras obras de Antonio Carlos Machado. E por quê? Pelo lado místico/amorável daquela estrela com que foi marcado desde seus primeiros passos literários. Assim, fala à terra natal com sentimento puro, profundo e forte- predestinação dos bons filhos!... Sempre no tom/dom harmônico e celeste de ternura. E a poesia ganha sua pompa maior, com a doçura da vida, resultando de uma alma rara, compassiva e translúcida, da alma serena que brilha poesia porque se volta para o Alto.

Por fim, o zeloso poeta Antonio Carlos Machado, sob vivência, debulha poesia pelo baque emocional, salpicando amor e o “Idioma do Sentir” em muitos dos seus poemas.

Felizes, pois, aqueles que trazem, queremos dizer, VIVEM com aquela estrela tranquila no coração!...Por certo há de se compreender a Voz Divina do dito Idioma, tão bem explicado/implícito... Incrustado mesmo! Na poética de Antonio Carlos Machado, com os arpejos que se ouvem/sentem no reino colorido onde jamais se achega o mal.

Letras Fluminenses,  
Niterói, Nov./Dez. de 1983.

## **CREPÚSCULO VAZIO**

Venci burlas e maldades  
Com revoltas em tropel,  
Fustigando potestades  
Só com armas de papel!

Vivi todas as idades,  
Lutador e menestrel,  
Mas humilde, sem vaidades,  
Das baladas ao gazel!

Hoje de sonhos despido,  
A lira trago descrente  
No frágil peito ferido!

E nesse abandono frio  
Sou frescor evanescente  
Num crepúsculo vazio...



## **ESBOÇOS TRAÇADOS EM LINHAS ESQUIVAS**

### **I**

Esqueço por ora  
A bomba de urânio!  
Recende lá fora  
O pé de gerânio!

Os vales admiro  
Tão verdes, tão calmos!  
Mas hoje prefiro  
O Livro dos Salmos!

Entre tantas flores  
Qual a mais famosa?  
Que festa de cores  
Nas cores da rosa!

Esqueço conflitos  
E guerras infames,  
Florescem bonitos  
Os roxos riqlames!

Esqueço tristezas  
E todas insônias!  
Que raras belezas  
Contém as peônias!

Não tenho pecúnia  
Nem risos serenos,  
Mas cresce a petúnia  
Nos parques amenos!



II

Boca purpurina,  
Olhar complacente,  
Cantas em surdina  
No campo florente!

Olvido verrimas  
A falta de paz  
Ao ver balsaminas  
E fiéis resedás!

No longe verdor  
Lindas portulacas  
Espalham odor  
Nas sombras opacas!

Claro horizonte  
Em tom de berilo!  
Eu rezo na fonte,  
Angústias repilo!

Em remotas raias  
O lamento cessa...  
Agora não saias,  
És toda promessa!

Há flores nas sebes  
De lindos contornos  
Ficas só e não bebes  
Em cálices mornos  
O sol benfazejo...  
Em tudo o revição  
Que logo desejo  
Em verso castiço...



**III**

Vejo a bunganvília  
No jardim fechado!  
Sou todo vigília  
Assim desolado...

**IV**

O vento que silva  
Na noite terrível  
Faz a madressilva  
- Já planta sensível –  
Cair destroçada,  
Em plena procela,  
A lira calada  
Levando com ela...



## **DESAFOGO CONFRANGIDO**

Com que nervoso vibrar,  
Antegozando folguedos,  
Meninos v iam chegar  
O reinado dos brinquedos!

Alegria da petizada  
O cavalinho de madeira  
Com bela sela pintada  
Em galope de carreira!

Eu rodava sem parar  
Feliz, a soltar suspiros,  
Vivendo sonhos sem-par!

Mais tarde só desenganos  
Às vezes em loucos giros  
No carrossel dos meus anos...



## **TRAUTEIO EM RITOMO FURTIVO**

Tem o horizonte  
A cor do cobalto  
No topo do monte  
Lá longe bem alto!

Eu sinto no peito  
Total placidez!  
Ao verso perfeito  
Só rogo mercês!

Mas ficas calada  
Com ar inibido...  
Estás perturbada,  
Do choro transido  
Não sabes fugir...

Não queres sentir  
A paz irrestrita,  
Não queres sorri  
Na noite bonita?

Se queres captar  
Profundos ensalmos  
Vem logo cantar  
No verde dos almos!

A noite cintila  
Num êxtase só!  
Caminha tranquila  
Sem medo do pó!

A nênia que chora  
Distante no cardo  
De certo já mora  
Na lira do bardo!



Pâmpanos em flor  
Balsamos exsudam!  
Teus olhos com dor  
Cansados não mudam...

## **INCÓGNITA TOTAL**

Ao bom passante cortês  
Eu pergunto: que procuras?  
Poder? Amores? Talvez  
O segredo das alturas?

O caminho replica:  
Em rouco tom pesaroso:  
- A vida ninguém explica,  
Sou um andarilho sem pouso!

Logo o peregrino sigo  
Sem mais palavras dizer,  
Humilde, quase mendigo...

Quem és? – indago bem sério  
Todavia o estranho ser  
Sorri com ar de mistério...



## **INQUIETAÇÃO**

Existem em cada ser  
Turvas fontes de pecado,  
Os atos de bem-fazer  
Vão ficando no passado!

Pungente sina do homem  
Pelos caminhos do mundo,  
Onde os Ideais já somem  
Ou se perdem num segundo!

A mim, em constante lida,  
Restam como lenitivo  
Estas cantigas sinceras!

E, assim alma deprimida,  
Não sei se morro ou se vivo  
No suplício das esperas!



## **IMAGEM IMPLACÁVEL**

O sol no Levante,  
Não posso dormir,  
Da mágoa constante  
Tentando fugir!

Sorrir não consigo,  
Pois cedo partiste,  
Deixando comigo  
Espadas em riste!

Com choros apenas  
No mundo prossigo,  
Deixaste só apenas,  
Ao pé do jazigo!

Que hora fatal  
Na noite silente,  
Pagaste que mal  
Ó ser inocente?

Em vão devaneio  
Minado de agruras!  
As sombras odeio  
Nas noites escuras!

Ó ser inocente  
- Pureza total –  
Deixaste somente  
Saudade mortal...

Bem cedo o destino  
Levou-te num véu,  
Aos dobres do sino  
Subindo pro céu...



Agora não sinto  
O luto primeiro,  
Mas outro, distinto,  
Em turvo roteiro!

Sem nome talvez  
A dor que revelo  
Depondo buquês  
Com gesto singelo  
Na lousa cingida  
De pretos sinais,  
Mas urna da vida  
Que lembro demais...



## **ASTILHAS SEM VALOR**

### **I**

Solto dos grilhões  
- Antigas heranças –  
Escuto canções  
Num mar de bonanças!

No canto liberto,  
Que gravo ridente,  
Do tédio desperto  
Com fé consistente!

E vejo semblantes  
Com ar de ventura,  
Que dores cortantes  
Enfim transfigura!

Frágil como vime,  
Andrajos eu visto!  
Que coisa sublime  
A reza com Cristo!

Mensagens espero  
Em doces enlaces!  
Agora não quero  
Penumbras nas faces!

Olhares esquivos  
Nenhum, por favor!  
Sonhos redivivos  
Somente de amor!

Das rochas não desço  
Ao sol estival  
- Dádiva sem preço  
No céu vespéral!

II

Esperanças planto  
Em duro mourejo,  
Mas que desencanto  
Na safra que vejo!

Cabelos em tranças,  
Ardências no olhar...  
Perdidas andanças  
Não quero lembrar!

Brutal penedio!  
Pedregal adusto!  
Sou ser fugidio  
Sem canto robusto!

No tronco silvestre  
O ninho canoro!  
Quintana! Que mestre  
No verso sonoro...

Nas cinzas da mata  
Surge a arrotéia,  
Que não desabarata

## **PERMANÊNCIA NO TEMPO IMARCESCÍVEL**

Nas calmas lagoas  
Da faixa costeira  
Ondulam canoas  
Na faina pesqueira,  
Seguindo costumes  
À velha maneira...

Refulgem cardumes  
Na rede certa,  
Se curva nos cumes  
A mata lindeira!

No forte bochorno  
O denso moital  
De glauco contorno...  
Murmura o caudal  
Dos prados adorno!  
No vasto dunal  
O vento já morno  
Tem gosto de sal...

As ondas do mar  
Têm cantos até!  
Vamos esperar  
Os sons da maré...

Nas rochas esbarra  
O verde sargaço!  
Rechina a cigarra  
No quente mormaço!

As ondas do mar  
Têm cantos até!  
Vamos esperar  
Os sons da maré...



Nas águas da barra  
O lento compasso...  
Escuto a fanfarra  
Das aves no espaço!

As ondas do mar  
Têm cantos até!  
Vamos esperar  
Os sons da maré...

## **RESPLENDOR EFETIVO**

Na tarde bem mansa  
O sol já retorna!  
A praia descansa  
Em doce madorna...

Com pele morena,  
Chapéu cor de linho,  
Esgalga, pequena,  
Tu vens de mansinho!

Na brisa perfumes,  
No céu cantilenas!  
A vida resumes  
Nas dunas serenas!

Nas dunas avanço  
Contigo a cantar,  
As ondas alcanço  
Já dentro do mar!

As vagas nos molhes,  
No rastro das quilhas,  
As aves não olhes  
Tao longe das ilhas!

Palavras prefiro  
Se terna me falas  
No belo retiro  
Vestido de galas!

Que falas? Que dizes?  
Mil coisas que fazes!  
Se somos felizes  
Façamos das frases,  
Com tons orquestrais,  
Não frases apenas

Mas mundos reais  
Isentos de penas  
E choros secretos!

Em nossos afetos  
Que seja a palavra  
Os quentes sinais  
Do fogo que lavra  
Em chamas iguais...

## **ACORDES EM FLUXO CONSTANTE**

Voz afligidora  
Não cantes assim,,  
Ah! Voz turbadora  
Tao perto de mim!

Louco desacerto  
Querer perenal  
O lindo concerto  
Do branco pombal!

Longe do presente  
Visões ilusórias!  
Aspiro somente  
As consolatórias...

Longe malquerenças  
Na hora propícia  
De flamas intensas  
E rara delicia...

Que sina sem-par!  
Se chego, tu vais!  
Se vens pra ficar  
Não fico jamais!

Teu rosto trigueiro  
Foi Deus quem o fez  
Com traço brejeiro  
E rosas na tez...

Não sejas injusta,  
Não fujas daqui!  
Na terra combusta  
Os pés já fer!



Rosto cismarento,  
Instável olhar,  
Há vozes no vento  
Querendo falar!

Dos portos ausente,  
Sem luas ou sóis,  
Vislumbro somente  
Os cegos faróis!

Quantas armadilhas  
A sorte prepara!  
Distante das ilhas  
A nave não para!

A vaga não ruge  
Na doce bonança!  
O mar quando estruge  
O barco balança...

Se vejo gaivotas  
Com asas de dança,  
Prossigo nas rotas  
Com nova esperança!

Sou tédio total,  
Alma sem calor!  
Sou voz augural  
E som bradador!

Barcos sem arras  
Descansam nas dunas!  
Teus olhos têm guerras,  
Espinhos de tunas...



Eu vivo no mundo  
Com seres banidos,  
O sol moribundo  
Acena aos vencidos!

Findos os fascínios  
De velhos desejos,  
Ficam nos escrínios  
Inúteis sobejos...

Tento no trabalho  
A dor olvidar!  
As vezes eu falho  
E peno ao lembrar!

Da flauta distante  
Vêm notas chorasas  
Sou choro bradante  
Na tumba sem rosas!



## **NO FREMIR DA ÂNSIA IRRADIANTE**

Da vida as nuances  
Tem várias feições,  
Dos breves romances  
Às grandes paixões!

Bondosas mensagens  
Queimamos na pira,  
Buscando miragens  
Em louca mentira!

Queremos às vezes  
Falazes amores,  
Curtindo revezes  
E crus dissabores!

O ser sonhador  
No mundo não falta,  
Desejando a flor  
Da rama mais alta,  
A doce cereja  
Do longo pomar,  
O riso que seja  
Além do vulgar,  
A linfa mais clara  
Do fundo da gruta,  
A benção bem rara  
Da paz impoluta...



## **MOMENTO AUGUSTO**

Talvez a maior desdita  
Seja o desejar insano,  
Não reter a fé bendita,  
Escudo no desengano!

O mal que meu ser agita  
Tem sadismos de tirano,  
Faz-me em louca grita  
Sentir iras de vesano!

Quando no cismar adverso  
Me vejo pensar ao léu  
Na reza quedo submerso!

Plena paz então consigo  
Ouço sons vindos do Céu  
E Deus a falar comigo...



## **ANSEIO PRIMORDIAL**

Versos vocalizo  
Servindo também  
O mel do sorriso  
Nas mesas do Bem!

Quero aconchegar  
As mãos do pedinte  
Os pobres amar  
Sem falso requinte!  
Levar ao casebre  
Alforjes nutridos,  
Com ânsias de febre  
Gritar aos vencidos:  
“As portas alertas  
Da minha cordura  
São almas abertas  
A quem as procura!”

Ricos alimentos  
Eu dou sem usura:  
Preces, sentimentos,  
O pão da doçura...



## **CHISPA NA CINZA**

Ela vem pela calçada,  
O resfolegar opresso,  
Trazendo na mão cansada  
Os narcisos que lhe peço!

Vendo-lhe o sofrer expresso,  
Nos olhos a dor gravada,  
Sinto-me também egresso  
De velha grei condenada!

Narcisos e quantas flores  
Ela no jardim alinha,  
Pelos canteiros afora!

Vivendo só, tem amores!  
Entre as rosas é rainhas  
Na capela que decora...

## **TONADILHAS EM VIBRAÇÕES CONDENSADAS**

### **I**

Espero sofrendo  
Noticias de quem  
Me diz escrevendo:  
- Já volto, meu bem!

Agora certeza  
O verso reclamo!  
Eu canto a Beleza  
Nas belezas que amo!

Cena matutina,  
O sol no Levante,  
De cor purpurina  
E luz chamejante!

Múltiplo cenário  
A vida desdobra!  
Às vezes sudário  
Que dores não dobra,  
O mundo contém  
Matizes diversos  
Que passam além  
De todos meus versos!

Amor dedicado  
É fundo querer,  
Porém desprezado  
Faz logo sofrer!

Agora delírio,  
Sem tolas mordças,  
Eu rezo no círio  
Pedindo mil graças...



Se triste medito  
As dores retêm  
O pensar aflito  
Que logo me vem!

Observa, repara!  
Sou tédio sem luz  
Em pobre seára  
Que nada produz!

Grito por socorro  
Com brados de louco.  
Aos poucos eu morro  
Cantando tão pouco!

Às vezes descreio  
Da própria ventura  
E sofro o receio  
Da vida futura!

## II

Exalta Rio Grande  
As gestas passadas,  
Em cantos expande  
Antigas cruzadas,  
Mas lembra também  
No tempo presente  
O guasca-ninguém  
Dos pagos ausente,  
O rancho tombado,  
O taura banido,  
O pingo – coitado –  
Sozinho poerdido,  
A fome que cresce  
No velho cenário  
O peão sem messe  
Em triste fadário!

O guasca-ninguém  
Do campo proscrito  
É filho também  
Do pampa bonito!

## **PELA ANTICLINAL ABRUPTA**

Tenho dó dos que padecem  
Onde as descrenças só tecem  
Silêncios de compunção!

Lamento a dor persistente  
Que tantas almas corrói,  
Também o ser indigente  
Que letal sina destrói!

Bom irmão meu penitente  
Que nas mãos das sorte cega  
Tens coração langüescente.

Ouve a palavra candente,  
Que nos auges da refrega,  
Afê nos diz mansamente...



## **PULCRA SONATINA**

No canto sem peias,  
Também sem renúncias,  
Desfaço cadeias!  
As próprias opúncias  
Não vejo tão feias!  
Das urzes retiro  
O caule medonho,  
O verso não firo  
Não firo meu sonho!

No canto sem peias  
Arrosto os desertos!  
Embora não creias  
Tenho braços abertos  
E brindo festivo  
Na hora gelada  
Da noite fechada!

Aceito reclamos  
E posso sorrir!  
Dos cardos os ramos  
Eu deixo florir...

No canto sem peias,  
Sem dor fustigante,  
Atpe nas areias  
Caminho vibrante,  
A buscar apriscos  
Nas alvas paragens,  
Pássaros ariscos  
Nas rocas selvagens!

Que bom esquecer  
Batalhas inglórias,  
Na mente reter  
Só gratas memórias!

Que bom olvidar  
A senda clamante,  
O mal urticante!

No canto sem peias,  
Que doces empenhos!  
Anulo correias,  
Não temo despenhos...

No canto sem peias  
Nenhum triste vinco!  
Ouvindo sereias  
Com ondas eu brinco!

Aceito reclamos  
E posso sorrir!  
Dos cardos os ramos  
Eu deixo florir!

Nunca me confino  
No canto sem peias!  
Sou liras e sino  
Crenças a mancheias...

No canto sem peias,  
Também sem renúncias,  
Desfaço cadeias!  
As próprias opúncias  
Não vejo tão feias!

No canto sem peias  
As verdes avencas,  
A paz das aldeias  
Com flores em pencas!



## ACRE INSUFICIÊNCIA

Hora do crepúsculo  
Em tons de lilás,  
O sol já minúsculo  
No céu se desfaz!

Tolo me pergunto  
Olhando as alfombras:  
“Por que chegas treva?”  
Em mim também junto  
Punhados de sombras  
Que o verso não leva!

Sinto-me sombrio  
No acaso bem perto,  
Ele – quase frio  
Eu – todo deserto!

Pássaro nenhum  
Nas ramas perdidas,  
Do vento o zumzum  
Tem vozes tremidas!

A lira deponho  
Em gesto cansado!  
E queixas imponho  
Ao vento gelado...

Lamento se choro,  
O choro descanto!  
Chorando demoro,  
Coberto de pranto!

E fico sozinho  
Em triste delírio!  
Do fim me avizinho  
Em lento martírio!

Diviso já perto  
O lar divinal,  
O rumo mais certo  
Da paz perenal...



## **REALIDADE INTRANSFORMADA**

Não queiras o grão precoce  
Nem as flores imaturas!  
Espera a hora da posse  
Colhendo safras maduras!

As emoções são momentos  
Que podem vir de repente,  
Trazendo maus desalentos,  
Toda ventura prazente!

Antes o afã benfeitor  
Lavrando o terreno bruto  
Sem queixumes ou reclamo!

A terra requer labor,  
E é só no ciclo do fruto  
Que o pomo surge no ramo...



## **PEGADAS DO MEU BORDÃO**

### **I**

Apenas tormento,  
Não quero escutar  
As queixas do vento,  
Os brados do mar!

Belezas não bebo  
Na tarde sem jaça  
E nada percebo  
Na brisa que passa!

Sou canto parado  
À luz do sol-pôr!  
Sou peito cravado  
Nas setas da dor!

Somente recolho  
O pão já cortado,  
O banal restolho  
Na terra deixado...

Preso ao dissabor,  
Apenas divago,  
Do fel o sabor  
Nos lábios eu trago!

O teu riso jovem  
Mas pétalas chovem  
Na tarde brumosa.

Do Nada resulto  
Em cismas imerso,  
Pesares de vulto  
Eu gravo no verso!

Com rumos fictícios  
No barco sem leme,  
Eu sofro silícios  
Na lira que treme!

O canto absterso  
Como consegui-lo?  
Eu sofro no verso,  
Não guardo sigilo...

Na face descor,  
Cardos na vereda,  
Mas trazes amor  
Nos lábios de seda!

Há gente que diz:  
Nas dores sou forte!  
Ninguém é feliz  
Pensando na morte!

II

Grande desconsolo  
E sentir opaco,  
As nuvens em rolo  
Nos olhos destaco!

E no céu diviso  
A noite que vem!  
Da paz eu preciso,  
Preciso de alguém!

O sol da manhã  
Ressurge já turvo!  
Na hora maslã  
Às dores me curvo!

Âncoras não tenho  
Na nave diletta,  
Na mente detenho  
Os sonhos sem meta!

Meninas na rua  
Cantam trololós,  
Mas a dor estua  
Em meus versos só!

Chegas qual esfinge,  
Com aceno fútil!  
Guardo na laringe  
O clamor inútil...

Qual água rolante  
Que vive a rolar  
A mágoa constante  
Não pode parar...

Qual vento do mar  
Nas ondas bulhentas  
Em doido penar  
Carrego tormentas!

A dor quem subjuga  
Na vida fremente  
Que a sorte verduga  
Conduz inclemente?

III

Ramos outoniços,  
De folhas já rotas,  
Seus últimos viços



Em forma de gotas  
Derramam vencidos!  
Em tom lacrimal.  
Há cavos sonidos  
No triste juncal!

## **PALAVRAS ÍNTIMAS**

Em torno de ti gravito,  
Qual satélite sem luz,  
Quando a ofegar aflito  
Eu sinto pesar a cruz!

Porém se distante ficas  
Nenhum afazer sustento  
E não trago vozes ricas  
Para os cânticos que tento!

Vivemos as conjunturas,  
Quer na paz, quer na vertigem,  
Entre dores e venturas!

Que o bondoso Deus preserve  
Afeição de tal origem  
Que a nós, pura, tanto serve!



## **EUFORIA EMERGINDO DO VÉRTICE**

Folhas em ciranda,  
O sol se retira!  
Odor de lavanda  
Teu corpo transpira!

Teus lábios omissos,  
Num triste desenho,  
Parecem submissos  
Às penas que tenho!

Olho com alarme  
As murchas circéias!  
Meus cantos são carne  
Com tristes ideias!

Mas visto a couraça  
De crente devoto,  
A dor logo passa,  
Tristezas derroto!

E com que deleite  
Contemplo as glicínias,  
Os copos-de-leite,  
Com brancas insígnias...



## **INTERREGNO ALUMBRADO**

Tu vens à janela  
Ao pé do junquilha  
Que o vento flagela  
Na noite sem brilho!

Vejo por instantes,  
Quais vidros polidos,  
Teus olhos vagantes  
De cílios compridos!

O bom gergelim  
Nos vãos do gradil  
Imita o carmim  
Que trazes gentil!

Abissal enigma  
De faces rosadas  
Esquece o estigma  
Das queixas passadas,  
Dos velhos litígios  
Em horas bramosas,  
Esquece os vestígios  
Das rotas sarçosas...

O tédio poluto  
O tempo não traz  
Em novo negror!  
Alívios desfruto  
E libo da paz  
O doce licor!

Essências respiro  
Enquanto falamos,  
Um simples suspiro  
E logo calamos...

## **MONOFONIA CINÉREA**

Com que desprazer,  
No chão calcinado,  
Eu vejo morrer  
O lago mirrado!

Estendal infando,  
Inútil a rede!  
Emigram em bando  
As aves com sede!

Danoso transtorno  
A terra com gretas,  
Ardendo num forno  
De chamas concretas!

Da safra perdida  
Só restam migalhas!  
Que gente sofrida  
Em duras batalhas!

A chuva não vem  
Do céu pardacento!  
Os homens só têm  
Canções de lamento!

Terra pulverosa,  
Gemente, sem paz,  
Já foste viçosa  
Em solo feraz!

As turbas imensas  
Que fogem errantes  
Caminham sem crenças,  
Pois são retirantes...

Não se vêm vicejos  
No tenaz brasume,  
No sol sem igual!  
Somem casalejos  
- Como de costume –  
Na seca letal...

A mente reponho  
Em lúgubre pensar  
Olhando tristonho  
O transe sem-par  
O êxodo medonho!

Sou crente professo  
Nas aras do céu,  
A Deus endereço  
Total escarcéu!



## **CICLO TRANSFIGURADO**

O meu mundo decompouho  
Em dois hemisférios.  
Num as vibrações do Sonho  
Contém mágicos mistérios!

Noutro só a Verdade ponho  
Com seus rudes vitupérios!  
À minha voz, pois, imponho  
O furor dos impropérios!

Sigo metas oscilantes,  
Entre fragosos abismos,  
Que tem aspectos diversos!

E que horas contrastantes  
Vivo em cegos paroxismos  
Nos meus rivais universos...



## **SOFREGUIDÃO EM CATADUPAS**

### **I**

Desejo tanger  
A cítara muda,  
Ao Supremo Ser  
Suplicar a ajuda  
Emergir do Nada,  
Contemplar a Luz,  
Da alma lacerada  
Retirar a cruz...

Andar pelos prados  
Na manhã tão jovem  
E nos pés cansados  
Que lentos se movem  
Sentir os relvados,  
Olhar as vindimas,  
As fartas lavouras,  
Colhendo nas rimas  
Em braçadas louras  
O trigo frondente,  
Colher igualmente  
O musgo da rocha,  
A bráctea virente,  
Que já desabrocha  
Ao sol refulgente...

Os solos ingratos  
De parca verdura  
Às vezes têm cactos  
De fina pintura!

Desejo colher  
Nas relvas agrestes  
Do teu bem-querer  
As flores celestes!

II

Nas vias infaustas  
Tristezas resumo  
Nas asas exaustas  
Das aves sem rumo...

III

Quero dos meus amigos  
O gesto fraterno,  
No mar sem perigos  
A nau que governo,  
A cor da tulipa,  
A solar fulgência,  
Do vinho da pipa  
A terral essência!

Dos ventos eu quero  
O sopro prazente,  
Dos versos o vero  
Amor confidente!  
Da flor o perfume  
Sutil exalado,  
Dos astros o lume  
No céu constelado!



## **CONSUMAÇÃO DIFUSA**

Escarlates rutilâncias  
Destacam o vôo da garça!  
Vai-se a tarde nas distâncias  
Onde o róseo sol se esgarça!

A campina tem fragrâncias,  
Odores sutis de sarça,  
Mas vejo as profundas ânsias  
Que teu rosto não disfarça!

Em quadros tristes eu pinto  
O ar mórbido que plasmam,  
Toda pungência que sinto!

Reconfortos? Como tê-los?  
Como deter meus fantasmas  
Na ronda dos pesadelos?



## **SIGNO COMPACTO**

Em meu ser não mais borbulha  
A flama vivaz e pronta,  
Do verso a nutriz fagulha  
Que de mim tomava conta

Quem da própria fé se orgulha  
Quando a negra dor defronta,  
Quando súbito mergulha  
Na tristeza que desponta?

Nesta hostil vida curta  
Não me valem as lições  
De que à dor ninguém se furta!

Eu por cento seria tolo  
Se do mundo as aflições  
Me servissem de consolo!



## **CERTEZA PENOSA**

Manter integral a crença  
No poder de Deus sublime  
É sentir na dor intensa  
A vibração que redime!

Quando o soluçar oprime  
E a lágrima rola imensa,  
Somente o rezar suprime  
A pena cruel distensa!

Quantas vezes, entretanto,  
Fico longe dos altares,  
Imolado no meu pranto!

Quantas vezes, já sem crer,  
Vivo horas singulares  
Na só mágoa de viver...



## **NO ARFAR DA MARCHA DILUIDA**

Começo a vagar  
Seguindo pedestres,  
Sob o farfalhar  
Dos altos ciprestes!

Branças casinholas  
- Tudo mornidão!  
Ouço cantarolas,  
Sinto lassidão...

Algum melodista,  
Além das ninfeias,  
Canta saudosista  
Langues melopeias!

O céu cor de cobre!  
Prossegue lirista  
Antes que soçobre  
O vento ritmista...

No grande palude  
Cantam noitibós...  
Ó Deus! Canto rude  
Os sons dessa voz...



## **PÁSSARO CATIVO**

Teu trino, lira de escol,  
Em mil notas se equilibra!  
Tens algo de rouxinol  
Na ressonância que vibra!

Com hinos de rara fibra,  
Vês a festa do arrebol,  
Que docemente se libra  
No nascer rubro do sol.

És cultor de harmonias  
No mais triste cativo,  
Confinado como réu!

Melhor, eu sei, cantarias  
Das amplitudes mensageiro,  
Com asas livres no céu...



## **NO RECESSO DA POLPA ARRANCADA**

Na réles tasca mofina,  
Pra vencer loucas crises,  
Curtes lancinante sina  
Na voragem dos deslises!

Triste cena de rotina:  
Bêbados e meretrizes  
Em vida já declina  
No sol-pôr dos infelizes!

Ficas ali quantas horas,  
Copo na mão, pensativo,  
A prolongar as demoras!

Quando decepções absorvo  
Desconfortos também vivo,  
Mas só tristezas eu sorvo...



## TÚMIDA DOLÊNCIA

### I

No mato vencido,  
Ao sol descoberto,  
Já quase despido  
- Futuro deserto –  
Tristezas reprimo  
E assim desolado  
Revoltas eu rimo  
No triste legado!

No lago de limo  
- Escassa vertente –  
Sem erva parceira  
Na linfa silente  
A planta não vinga,  
Não vinga a semente  
Não cantam jaós...

Que pobre racimo  
No solo carente,  
Na morta clareira  
Na cinza dormente!  
Que seca batanga  
Na terra morrente  
Nos rudes cipós...

É tudo letargo  
No mundo cenário,  
A lira não largo  
Chorando o sudário!

Detesto o lapedo  
Sem aves, sem flor!  
Os lábios não cedo  
Ao fruto sem cor!

A força do germe  
No charco-terror  
Me traz à epiderme  
Estranho tremor!

II

Na relva nativa,  
Agindo ligeira,  
A mão destrutiva  
- Letal ceifadeira –  
Não deixa que viva  
A bela serralha,  
Ontem adereço  
E hoje mortalha  
No chão que conheço!

A mão destrutiva  
Letal ceifadeira  
Não deixa que viva  
Na flora rasteira  
A linda açucena,  
Dos prados sainete,  
Florindo serena  
No verde tapete...



## **FRÊMITO CONTUNDENTE**

O encanto da velha praça  
Que conservo na retina:  
Mosaicos cor de vinhaça,  
A verde grama tão fina!

Nítida lembrança traça,  
Numa visão que fascina,  
Do quadro a perene graça,  
A calma quase divina!

Ontem rosas a florir,  
Lânguidos sonhos perfeitos  
E o mundo por descobrir!

Hoje só brumas nas rotas,  
Todos ardores desfeitos  
No turbilhão das derrotas!



## **FATALIDADE AGRESSIVA**

O límpido céu calmoso  
Tem fulgores de cristal!  
Traz o vento bonançoso  
O canto do salgueiral!

Escorrendo correntoso,  
Em versátil espiral,  
O regato penhascoso  
Fervilha no pedregal!

Vou só, o bordão por apoio,  
Sob o luar perfulgente,  
Em meu caminho sem marcos!

Manso deslisa o arroio,  
Mas só percebo, dolente,  
O vão lamento dos charcos...



## **EFUSÃO INSOFRENÁVEL**

Chego despojado  
De todas auroras,  
Apenas levado,  
À mercê das horas,  
Pela voz dos ventos,  
Mais ríspidos que antes,  
Que vêm das distâncias,  
De todos quadrantes,  
Num frémito de ânsias...

Me sinto despido,  
Aos olhos alheios,  
Me sinto perdido  
Em feros enleios!  
Tu sabes porque,  
Tu sabes que luto,  
Sou mente que crê,  
Os erros refuto!

Discordo do crime  
Com grande vigor!  
O perdão redime  
Nas fontes do amor!

Os túbios enfrento,  
Flâmulas desfraldo,  
Pois no pensamento,  
Que firmo respaldo,  
Florescem perenes  
A força da vida  
E os cantos solenes  
Da Fé não vencida  
Por crenças estranhas!

Supero montanhas  
Para que renasça,  
A cada momento,  
No meu coração,  
A divina graça  
De poder cantar  
E numa canção  
Cantando rezar ...



## CHAMA CONCÊNTRICA

Há quem diga num ronrom:  
Os outros jamais molesto!  
Mas a voz tem dúbio tom,  
O falso tom que detesto!

Desamor: imenso **front**,  
Nos conflitos manifesto!  
Deus! O Sentimento bom  
Se mostra num simples gesto!

Se vale o bem mesmo tardo,  
Valem as mãos que ofereço  
Nas ruas a cada passo!

Nobres amores resguardo,  
Pois nos afetos eu cresço  
E o próprio mal ultrapasso ...



## **DENSA CRISPAÇÃO**

A vida sempre parece  
Um caminho de fragedos  
Se todo crer esmorece  
Na sequidão dos penedos!

Quantas faces oferece  
Do mundo os sutis segredos!  
O bem às vezes perece  
Na solidão dos degregos!

Sopra o vento lamentoso  
Na terra seca, sem messe,  
No anoitecer nebuloso!

Folhas secas, céu brumoso,  
Até o rosal emurchece  
No meu jardim penumbroso!



## **GRITO SEM FIM**

A tarde se esvai  
E sombrias reparte  
Nos troncos sem fronde,  
No vácuo que é meu!  
O cortejo vai ...  
Pergunto: “Quem parte?”  
Voz tênue responde:  
“Um anjo morreu!”

Eu grito: “Sou eu!”  
No meio do povo.  
“Um anjo morreu!”  
Escuto de novo ...

“Um anjo morreu!”  
Torno a escutar.  
O grito sou eu, nem posso chorar!

“Um anjo morreu!”  
Que triste final!  
Meu grito nasceu  
Na noite fatal ...

Com andar infirme,  
Sem rumos, a esmo,  
Procuro evadir-me  
Fugir de mim mesmo,  
Mas levo nos ombros  
Tristezas mortais,  
Apenas escombros  
Em longos brejais ...

Não quero mais hinos  
Nem choros esconsos!  
Repicam os sinos  
Em sonos responsos ...

Encharcados lenços  
De tanto chorar!  
Só brado intensos  
Me podem salvar...

## **RETORNO AO GAZEL**

O morto jasmim  
No horto silente!  
No cavo jardim  
O cravo dormente!

Que prantos hostis  
De cantos ausentes,  
Tem tons de arabis, com sons  
padecentes!

Lacrimoso bardo,  
Sou cardo pungente!  
Quantos bens aguardo  
Se vens docemente!

És mudez atroz  
Na rudez presente!  
Sou dolente voz  
Choro novamente!

Vida! Amor fiel  
Ou dor inclemente!  
Ó vago gazel  
No lago tremente...



## HAICAIS

De velhas herdades,  
Já perdidas além, cultivo saudades!

Que campos festejo  
Cavalgando no pampa  
Que hoje revejo!

Me chamas de vate!  
Sou tropeiro somente  
Em triste rebate!

Tristezas tão largas  
Eu carrego nos ombros,  
Vergado nas cargas!

Espantos não formes,  
Mas nas ruas recolho  
Espantos enormes!



## **VILANCETE**

Mundo multicolor,  
Com dor e aflição,  
Espinhos no chão!

Senil, andrajoso,  
Balbucios restritos,  
Anda vagaroso  
Colhendo detritos!  
Rosto macilento  
E tosco bastão,  
Dorme no relento  
Com dor e aflição!

Sem casa, sem teto,  
Na vida sozinho, seu mundo concreto  
Um mundo mesquinho!  
Nos passos torpor, cajado na mão!  
Mundo multicolor, espinhos no chão...



## **VOO CONTRA O VENTO**

Vária a espécie humana,  
Árvore de muitos ramos!  
Da vida a vida promana  
Nas sendas por onde vamos!

Na real fé soberana  
Pobres e ricos achamos!  
Seguimos em caravana  
Com todos que deparamos!

Quantos percorrem chorando  
O caminho do viver,  
Que nossas almas conduz!

O bom pensar elevando  
Galgo os degraus do saber  
Em trajetórias de luz...

## **MURMÚRIO REINCIDENTE**

O meu verso não comporta  
Nesta tarde sonolenta  
Cultos falsos de retorna,  
Tons de lira desatenta!

A noite vem pela porta  
Trazendo na cor cinzenta  
A hora já quase morta  
Que feio matiz ostenta!

Quero de calmas tecida  
A doce prece que faço  
Nos mais íntimos refolhos!

Quero dor menos sofrida  
E descansar meu cansaço  
No remanso dos teus olhos...



## **PENTASSÍLABOS AO FLUIR DOS DIAS**

Enchendo volumes,  
Do verso seu servo!  
Velhos azedumes  
Na lira conservo!

Fardos ao pescoço  
Eu levo vergado!  
Afundo no fosso  
De dores pejado!

Trago no semblante  
- Pálido marfim!-  
Crença vacilante,  
Coragens no fim...

O tempo não passa,  
Que mudos silvados!  
Eu tenho mordança  
Nos lábios fechados!

De mimos careço  
Em todas veredas!  
Revolta pareço  
Nas horas azedas!



## **SENDA DE PERCALÇOS**

Senda de percalços  
A vida terrena!  
A sombra dos salsos  
Teu riso condena  
As penas que tenho,  
A dor que cultivo!

Das dores provenho,  
Por elas eu vivo,  
Pois sofro com todos  
Nas malhas sutis  
De velhos engodos  
E torpes ardis!

Dizem: “Há justiça!”  
Mentira!- replico.  
Os pobres na liça  
Não ganham do rico!

Dizem: “Há bondade!”  
Os bons onde estão?  
Os bons de verdade  
(Mas quantos serão?)  
Lutam insulados  
Nos eitos do pão!  
São poucos, cansados,  
Com pouco na mão!

Dizem: “Há perdão!”  
O mundo verbera  
O simples senão,  
Os erros tolera!

Dizem: “O dinheiro  
Venturas não traz!”  
Eu sou caminheiro  
Em busca de paz...

Os olhos eu cubro  
Com ânsias de nojo,  
Se sujos descubro  
Os vermes do fojo:  
Belicistas natos,  
Sequazes da morte,  
Árbitros dos fatos  
Na lei do mais forte!

Conheço na face  
O mau Harpagão,  
A faminta classe  
Dos tempos que vão!  
Com sanha rapace  
Os grandes vilões  
Em torvo repasse  
Embolsam milhões!

Em todas as partes  
- Os fatos nos mostram-  
Os vis malasartes  
Submissos se protram  
Ao pé dos patrões!

O povo que luta  
Não quer mandarins!  
Do pão dos festins  
As sobras disputa  
Em prélio sofrido  
Com muito suor, pedindo dorido  
Um mundo melhor!

Senda de percalços  
Não falta a ninguém,  
Pois caminhos falsos  
O mundo contém!

## **REVERBERAÇÃO COMPULSIVA**

I

Aumenta o pecado  
Cresce o desamor  
No mundo devasso  
Do mundo propulsor!

Há tantos banidos,  
Sozinhos, errantes,  
Há tantos fugidos  
Em todos quadrantes,  
Com fados ferinos,  
Sôfregos buscando  
Melhores destinos,  
Caminhos mais brandos!

Nas metamorfoses  
Do cosmo mutante  
Pululam neuroses  
Na crise gigante...

O mal que perverte  
Vem açoitador  
Na chaga que verte  
O sangue da dor!

Ó mundo falaz,  
Escravo da fúria  
E ricos haveres,  
Não queres a paz,  
Apenas luxúria,  
Insanos prazeres!



II

No feroz outeiro  
A simples ermida!  
A crença primeiro  
No topo da vida...

Da fé os amanhos  
Fecundam canteiros  
De pomos tamanhos  
Que lotam celeiros!



## **CERTEZA DESFRALDADA**

Eu triste, tu consolada,  
Em direções várias vamos!  
Todos fardos da jornada  
Bem unidos nós levamos!

Nos embates da porfia  
Vamos juntos caminhando,  
Ou chorando na alegria  
Ou na própria dor cantando!

Somos iguais penitentes,  
Os lábios sempre com preces,  
Até nas ânsias tolhidas!

E assim almas confluentes  
Desejamos fartas messes,  
Sem chorar safras perdidas...



## **CANTO EM LEVES VOLUTAS**

### **I**

Em ti se revela  
Diferente fase!  
A tarde modela túnicas de gaze...

Aquarelas magas  
Ressurgem no prado!  
Com o olhar afagas  
O rosal brotado...

Que faço da vida  
Que digo no canto?  
Na lira sentida  
Derramo meu pranto!

Desejas meu verso  
Bem mais atrativo,  
Da dor o reverso  
No hino festivo?

Há flores na terra  
Formando dossel?  
E risos encerra  
O próprio bordel?

Eu canto o que sinto  
E sinto o que canto!  
Mentir eu não minto,  
Sou franco portanto!



II

Eu gosto de ter  
Mil beijos na face  
Eu gosto de ver  
A flor quando nasce,  
A terra lavrada  
Por rústicas mãos,  
A tulha lotada  
Na festa dos grãos!  
Eu gosto de ver  
A farta colheita!  
Eu gosto de ler  
A rima bem-feita!  
Ah! Marcelo Gama,  
Poeta da dor,  
Ardendo na chama  
Do verso-primor!  
Eu gosto de ver  
A verde campina  
E cedo viver  
A luz matutina...

Eu gosto de ter  
Papoulas nas jarras  
E não combater  
Com más cimitarras!

Eu gosto de ter  
Cândidos enlaces  
Também receber  
Mil beijos nas faces!



## **INEXTINTO VETÍGIO**

### **I**

Quem triste me chama  
Quem chora sozinho?  
O vento não clama  
Soprando baixinho!

Quem, noite tisonada,  
Nas águas do porto,  
Com voz conturbada  
Suplica conforto?

Quem geme tão só  
Na sombra tremente?  
Quem ouve sem dó  
O pranto fervente?

Que som tumulário  
Na leve barqueta,  
Já feita calvário  
Na noite tão preta!

Com alma nervosa  
Procuro sondar  
A noite nublosa,  
Mais negra no mar!

### **II**

Só, perto do mar,  
Distante das naus,  
Ando devagar  
Em soltos calhaus,  
Sem arrimo terno,  
Mas o despontar do mundo fraterno

Que Cristo conduz  
Já vejo brilhar  
Repleto de luz....

III

Que som feridor!  
Quem, noite feral,  
Faz tal estridor  
Em tom sepulcral?

Com alma nervosa  
Procuro sondar  
A noite nublosa  
Mais negra no mar...



## **SEXTILHAS DE GALPÃO**

O pardo velho grisalho  
Pelos bolichos vivia,  
A gaita na cantoria,  
Lembrando velhas histórias,  
Algumas cheias de glórias,  
Quando a saudade queria!

Que vida dura vivera,  
Seguindo penosa sina,  
Cantando de relancina  
E para ter melhor lucro  
Domando potrilho xucro,  
O lenço preso na crinal!

Brigara nos entreveros  
Dos bravos federalistas  
Combatendo os castilhistas,  
Nas lutas de vinte e três, com lances de intrepidez  
Nas horas mais imprevistas!

Se o pardo velho era bom!  
Veterano nas hileiras,  
Passava horas inteiras  
Cantando pro vizindário  
O destemor legendário  
Das nossas hostes pampeiras!

Errante, porém, sem rancho,  
Sem pouso certo, sozinho,  
Topava o fado mesquinho  
A vaguear pelos pagos  
Que via no seu caminho!

Mas duma feita sumiu,  
Buscando rumos ao léu.  
Quieto, sem escarcéu,

O pardo velho grisalho  
Foi campear agasalho  
Nas invernadas do Céu!

Pardo velho já grisalho,  
Da viril era centaura,  
Que hoje nada restaura,  
Aqui na terra gaúcha,  
Usando gaita e garrucha,  
Deixaste fama de taura!

Levado pelo destino  
Irei contigo morar  
E juntos, formando par,  
Cantaremos num só rito  
O grande pampa bonito  
Também das guascas sem lar!



## **CHINOCA, CHINOCA!**

No rude bolicho  
Do verde campinho  
Eu sou carrapicho  
Grudado no pinho!

Nas vozes da **prima**  
Cantigas rebusco  
Atando na rima  
As notas que busco!

Eu canto solito  
Já meio no prisco,  
Tirando do pito  
O fumo danisco!

Mas sinto no peito  
A dor mal domada  
Que hoje sem jeito  
Confesso cantada!

O mango no braço, o pingo lá fora  
Gambetas não faço  
Na trova que chora!

Que baita saudade  
Da china lindaça  
Que se foi à cidade  
Sorrindo com graça!

Mala na garupa  
Do zaino cancheiro  
Arrancou num upa,  
O porte faceiro...

Chinoca, chinoca,  
Arvel, insubmissa,  
Eu saio da toca  
Com alma petiça!

Tu gostas do **povo**,  
O **povo** não soltas!  
Comigo de novo  
Só ficam revoltas...

Pinho companheiro  
Lamenta nas cordas  
O fado matreiro  
Que triste recordas!

Foi cobra mandada  
O meu desengano,  
Mas esta parada  
Eu ganho de mano!

Amanhã ou depois  
As pilchas arrumo,  
Votamos nós dois  
Num tranco sem rumo...

## QUERÊNCIA

A vila flores chamada  
No doce falar antigo  
É terra pra mim sagrada,  
Que levo sempre comigo!

Na vastidão dilatada  
Tive berço e bom abrigo!  
Que bela vida passada  
No chão que hoje bendigo!

Evocando sesmarias  
Meu coração pede freio,  
A suspirar por bonanças...

Rincão natal- nostalgias,  
Visões que sempre tropeio  
No corredor das lembranças...



## **CHASQUE AO CHIRU AMIGO**

Viveste por toda parte,  
Muitas vezes despacito,  
Aqui cantando com arte  
E lá sofrendo solito!

Andarengo desde cedo  
Por corredores diversos,  
Gostas de viver al pedo,  
Fazendo tranças de versos!

Quantos cenários tu viste  
Nesse destino já longo,  
Desde a tapera mais triste  
Ao mais alegre bailongo!

Do mundo-brutal escola  
Recebeste duras aulas,  
Pechadas, tirões de cola  
E turumbambas com maulas!

Bárbaros invernos passaste  
Com o teu poncho surrado,  
Al cabo bondoso traste  
No rude tempo gelado!

No fogo do galpãozinho,  
Quente mate sobre mate,  
Cantas nas cordas do pinho  
Sem afrouxar no remate!

Certa feita conheceste,  
Num fandango da fronteira,  
A chinoca que perdeste  
Num bolicho de carreira!

Agora vives baldoso,  
Com carradas de receio!  
Amor é bicho sestoso  
Quando refuga volteio...

## **CARRETA**

A carreta peregrina  
No terrunho sem miséria  
Foi coisa bonita, séria  
Na solidão das estradas  
Até marcando pousadas  
Na dura sina gaudéria!

Em todos rumos do pago  
No mesmo lento trabalho  
-Cruzos maus ou bom atalho –  
Os mansos bois ajouçados  
Eram garbos enlaçados nas  
cangas do cabeçalho.

Miles coisas conduzia  
O carreteiro teatino,  
Que chinchava seu destino  
Nos cascos da tambeirada,  
Partindo de madrugada  
Com guaiepeca ladino!

O chiar rude das rodas  
Era voz de liturgia  
Na luta de cada dia  
Quando a tarde descambava  
E o carreteiro pensava  
Rezando a Ave-Maria!

Com poucos palmos de sol  
Acampava pro repouso!  
Bem arreglado no pouso,  
Espetava a gorda manta,  
Simples e modesta janta  
Mas de preparo gostoso!

Em seguida o chimarrão,  
O crioulo sem igual  
Piscando no pastical,  
O cusco junto do dono!  
Afinal o calmo sono  
Após o **pelo-sinal...**

Certas noites não dormia  
Pois pelo-duro castiço  
E homem de compromisso,  
Deixava longe a cachaça,  
Tinha horror à negaça  
Ao contratar o serviço!

Carreteiro por destino  
E caboclo corobicho  
Nem china nem cambicho  
O tirava do trabalho!  
Cortava logo num talho  
O chamariz do bolicho!

Dessa maneira lutava, evitando desacertos,  
Fazendo brabos consertos!  
Nos vaus tapados-desgrácias  
Mandava a Deus **Muchas Grácias**  
Ao se livrar dos apertos!

Assim os anos passavam  
Da dura lonca da lida  
Tirando trança comprida,  
Fazendo do carreteiro  
No vasto mundo campeiro  
O grande mestre da Vida!

Carreta-a própria História  
Dos pagos e sua gente  
No carreteiro valente  
Que todos os horizontes

Amansava nos repontes  
Do **Vamo Boi** permanente!

Foste soberba na paz  
Abrindo largos caminhos  
Entre vilas e povinhos,  
aproximando cidades,  
solta nas imensidades  
em perenes burburinhos!

Também andaste na guerra  
Entre gaúchos bem guapos,  
Vestidos de toscos trapos,  
Porém exemplos da raça  
Como na luta machada  
Dos queixos-duros farrapos!

Ao ver-te hoje carreta  
Como perdido legado  
E velho traste largado  
Eu lembro o tenaz arrojado  
Que levavas no teu bojo,  
Marco real do passado!



## **O VELHO CARRETEIRO ASSIM CANTAVA**

Na junta que toco  
Um baio-fumaça  
Por outro não troco!  
Em bora sem raça  
É boi puxador  
E mestre de canga!  
Que baita vigor  
No passo da sanga!

Também o barroso,  
Tem sangue da terra  
No vau barrancoso  
Nos piques da serra!

Assim carreteiro  
Inverno, verão!  
Na dor me maneiço  
Deixando o rincão!

Eu vou no costado  
Em vida cigana,  
Levando o bragado,  
A longa picanha...

A marcha não paro  
Na varge com lama!  
Lodeiros encaro  
Nos trilhos de grama!

Conheço malocas  
E grandes estâncias!  
Cruzando bibocas  
Eu venço distâncias!

Riquezas carrego,  
Sou guasca bem pobre!  
A sorte delego  
Ao céu que me cobre!

Que nunca desande  
Avida que sigo!  
Deus- o Patrão Grande  
Eu te levo comigo!

## **PINGUANCHA-MENINA**

És já prendinha querida  
Suave flor da campina,  
Meiga piguancha-menina,  
Ouvindo com emoção  
Os cantos em profusão  
Desta querência sulina!

No culto das tradições  
Sabes bem a chimarrita  
Com saia larga catita  
E nos meneios da dança  
O teu corpinho não cansa  
Numa vaneira bonita!

És tanta graça e leveza  
Na cadência da tirana  
Que toda vibra ufana  
Mostrando dessa maneira  
Ser gaúcha verdadeira  
Nascida guapa serrana!

Os belos versos do Sul  
Declamas alto, sem peias,  
Sentindo correr nas veias  
O sangue dos farroupilhas  
Que por baixos e coxilhas  
Foram heróis nas peleias!

Linda piguancha-menina  
O pampa-solo fecundo –  
Tebano de bom penacho  
E guasca sempre buenacho  
Fiz de querência meu mundo!

Por isso quando te vejo  
Com o vestido de prenda,  
Todo de chitas e renda,  
Lembro a milonga faceira  
Toda beleza campeira  
Que o verde pago desvenda!



## **CHINA FLOR-FLOR**

Charla no galpão,  
Mansa, sem apuro!  
Roda o porongão  
No mate seguro!

Sou bem gaúcho  
E gente gaudéria,  
Que vive sem luxo,  
Também sem miséria!

Esporas na mente,  
Visões embuçalo,  
Lembro tristemente  
O rancho do valo,  
A china chorosa,  
Regalo flor-flor  
Dum mestre da tosa  
E bom cantador...

Lembranças repasso!  
E num carreirame  
Pros lados do passo  
- Bagual desparrame –  
Recordo a tinsnada,  
Com jeito de chancha,  
Já meio cambada  
Nas tendas da cancha!

O mundo dá coices  
Nos laços forceja  
E cortantes foices  
A sina maneja...

A china bebia  
Talvez por sofrer!  
Quem ela queria  
Não tinha querer!

Filho das macegas  
Andava sem rumo  
Por todas bodegas  
Num só desaplumo!

Mas era baitaca  
Na velha sanfona,  
No cabo da faca,  
Chavasca grandona!

Em plenos troviscos  
- Chupista tenaz –  
Sem versos ariscos  
Na gaita vivz  
Cantava bonito  
Com voz altaneira,  
No manso trotito  
Da fala manheira...

O louco destino  
Às vezes impera!  
No peito franzino,  
Já feito tapera  
Nas inços que vêm  
Com toda fereza,  
A china flor-flor  
Agora só tem  
Baús de tristeza,  
Bruacas de dor...



## **À BEIRA DO FOGO**

Nasci lá nas Missões  
No campo dos Amaral  
E fui guri de quintal  
Nas fainas do nativismo!  
Que lições de gauchismo  
Colhi no solo natal!

O meu primeiro petiço  
Um lindo animal escuro,  
De galope mui seguro,  
No passeio e no serviço  
Tinha crioulo feitiço  
No garbo de pelo-duro!

Muita chininha mimosa  
Feliz levei nos arreios  
Vivendo doces enleios  
Nos fandangos do rincão,  
Sem refugar vanerão  
No soar dos bordoneios!

Cresci no lombo de pingos  
Preferindo o zaino pelo,  
Nas estampas do meu zelo,  
Desde o zaino-colorado  
Ao belo zaino-bragado  
Que arrocinei com desvelo!

Duma tropilha de zainos  
Aos latidos do jaguara,  
Barbo zaino-malacara  
Apartei mesmo potrilho,  
Matreiro como zorrilho  
Quando fugindo dispara!



Que bicho fera, patricios!  
Eu fiz até maravilhas  
Ao lhe picar as virilhas  
Mas que flete se parou  
Quando bem logo ficou  
O rei maior das coxilhas...

## **SOB A QUINCHA DO RANCHO**

Filho das imensidões,  
Que braços fortes sustém,  
Eu sei todas as lições  
Que o velho pampa contém!

No peito junto tropilhas  
De crioulos sentimentos,  
Trazidos lá das coxilhas  
Com sogas de muitos tentos!

Também peraus de tristeza  
E mil restingas de pranto  
Encontro nesta vivência.

Digo porém com pureza:  
- Tenho cordeonas no canto,  
Cerros de amor à querência!



## **VILA FLORES**

Ancestral cinto de couro,  
Legados dos meus avós,  
Tenho ternuras na voz  
Para contigo falar  
E novamente lembrar  
Porque te trago no cós!

Foste no passar dos anos  
Prenda de taura faceiro,  
Bonito traste parceiro  
Com velha faca de prata  
De longes tempos sem data  
Hoje florão galponeiro!

Nas lides de trina-e-cinco  
Andaste pelas coxilhas  
Nas legiões farroupilhas,  
Usado por índio quebra  
Mas sem instinto malebra  
A cintilar nas guerilhas!

Depois em noventa-e-três  
Honrando o nome do pago  
- Objeto de viril afago –  
Foste leal companheiro  
Dum trabuzana lanceiro  
Sem nunca sofrer estrago!

Nas lutas de vinte-e-três  
Voltaste à cena guerreira  
Num crepitar de fogueira,  
Levado por índio certo  
Do sítio hoje deserto  
Na solidão da fronteira!

Agora quando te levo  
Como fiel aparato  
Xucras imagens desato,  
Lembrando tudo que sei!  
Quantos torenas de lei  
Foram gaúchos de fato!

## **PASSADO E PRESENTE**

A turva manhã do sul  
Nasce no campo da luta!  
A vida – feroz disputa  
Nos embates da fronteira,  
Pois nova gente guerreira  
Surge sem-par na labuta!

Pelas planícies imensas  
Correm manadas selvagens  
Das mais cruzadas pelagens,  
Tantas que qualquer estranho  
Encontra morrudo ganho  
Na faina das campeiragens!

São tais manadas bagualas  
Dos altivos guaranis!  
E quantas bugras gentis  
Espalhadas pelos pampas,  
Confim de cascos e guampas  
Em disparadas hostis!

Nas mesclas desse rodeio  
Há convívios e negaças  
E os gados xucros são caças,  
Dominando o mais forte  
Com abarbarado porte  
A mestiçagem das raças!

Enfim como fortalezas  
Aparecem as fazendas,  
Até com bonitas prendas,  
Formando o rude peão,  
Imagem do próprio chão,  
No tumulto das contendadas!



Estância-firme tronqueira  
Na terra verde cravada,  
Baliza na madrugada  
Do pago recém-nascido,  
Agora rincão querido,  
Plaga jamais igualada!

Grandes porteiras abertas  
Nós temos no coração!  
A todos damos a mão  
Com inspirada ternura  
E nossa charla perdura  
Nas rodas do chimarrão!

Na lonca das amizades  
Cortamos tentos com jeito  
Para trançar a preceito  
Laços do melhor quilate,  
Bebendo o saudável mate  
No bom porongo perfeito!

No pingo **Fraternidade**  
Botamos ricos preparos  
E os sentimentos mais caros  
Dedicamos aos irmãos.  
Que visitam nossos chãos  
De tantos feitos preclaros!

Todo gaúcho conserva  
Bem no fundo da memória  
Os belos lances da História  
Que fizeram destes pampas  
Tendal de humildes campas,  
Mas palpitantes de glória!

À beira de tais moradas  
Cantam as aves campeiras  
Lembrando as bravas fileiras

Que brilharam nas coxilhas,  
No fogaréu das guerrilhas,  
No tremular das bandeiras!

Na jornada dos farrapos  
O pavilhão tricolor  
- Prova de bagual ardor –  
Andou na ponta das lanças  
E nas mais feras andanças  
Erguido mesmo na dor!

Porém agora drapeja  
Aos ventos deste torrão  
Como símbolo do chão  
- Terra de duros combates –  
Que tem nos cantos rebatos,  
Clarins que nunca se vão...



## TROPEADA DE RIMAS

### I

O nosso torrão  
Tem sigla que friso:  
ERRE de rincão,  
ESSE de sorriso!

Rima – bom cabresto  
Na doma dos versos,  
Nas trovas apresto  
De tentos diversos!

Saudades-espora  
Nas ancas da vida  
Se muito demora  
A prenda querida!

Lida de tropeiro  
Que duro labor!  
Sou verso ponteiro  
No campo da dor!

Que tristes umbus!  
Que pena sincera!  
Só cantam jacus  
Na velha tapera!

Eu gosto de ver  
A tuna florida  
E assim esquecer  
As setas da vida!

O pinheiro cresce  
De modo tão lento  
Que justo parece  
Amor sem alento!



A china madrasta  
Chamada **Saudade**  
Corações arrasta  
Por pura maldade!

Na sina capeta  
Na sorte perdida  
É simples carpeta  
O jogo da vida!

Corredor- esteio  
Da vida campeira!  
Por ele mangueio  
A sorte manheira!

Pesares perfilho  
Dizendo “Coitado”!  
Ao velho rosilho  
No campo largado!

Carreiras adoro  
Em cancha bem reta!  
Mas asas imploro  
Pra ver a dileta!

No limpo terreiro  
Tristezas anulo  
Jogando lampeiro  
Sem tiros de culo!

Na tava sou bom  
E não songamonga!  
Na cancha do som  
Prefiro a milonga!

Sou pata ligeira  
Sem relhos ou sova  
Atando carreira  
Na cancha da trova!

A lonca domino  
Enquanto converso.  
Com calma desquino  
O tento do verso!

Os campos parecem  
Tapetes de lã,  
Que ovelhas tecem  
Na branca manhã!

Eu trago no peito  
Um potro vermelho  
Que bufa sem jeito  
À vista do relho!

Que rebelde potro  
Sempre redomão!  
Não troco por outro  
O meu coração!

Tal boi colorado  
O sol a lo léu, no peito sangrado,  
Já tomba no céu!

O flete fustigo  
Na longe biboca!  
Que duro castigo  
Não ver a chinoca!

Esperas são somas  
Contadas por hora!  
Que triste embromas  
Quando ela demora!



Que louco desejo  
Bem velho lapuxa;  
Prender num beijo  
A terra gaúcha!

No pingo da rima  
O mango não baixo,  
Lançantes acima,  
Repechos abaixo...

E no sufragante  
Não digo demais:  
Cante como cante  
Sou pago no mais....

## II

Querência palavra  
Que logo traduz  
O fogo que lavra  
Com halos de luz  
No hino campeiro, crioulo sem jaça,  
Que hoje, tordilho,  
Com sangue de raça  
Ufano dedilho,  
Em largo rodeio  
De pelos diversos  
Alcançando no freio o pingo dos versos!

## **OFERENDA**

Tens traço dos tapuias  
Que nas tabas altaneiras  
Pintavam em rudes cuias  
Mil histórias feiticeiras!

E nas noites galponeiras,  
Cor morena da imbuias,  
Cantas páginas guerreiras  
Com sons novos de aleluias!

Nas tuas fundas carquilhas  
De velho quebra tenaz  
Deponho com mãos fagueiras

A esmeralda das coxilhas,  
O ouro bom dos araçás  
E o rubi das corticeiras...

## RÚSTICO MANOLHO

### I

Nas trevas da noite  
Cavalgo sem nada  
Buscando pernoite  
Em mansa pousada!

Cintilam no céu  
Apenas dois astros,  
A paz não defruto!  
Pássaros ao léu  
Seguem os meus rastros  
Com asas de luto...

A rota que sigo  
Não tem vinhateiros  
Nem sobras de trigo  
Nos poucos celeiros!

Fremências recalco  
Nos nervos doloridos!  
Agora sou palco  
De prantos perdidos!

### II

Com rudes lamentos  
Tais cenas registro  
Que clamam os ventos  
Em coro sinistro,  
Zurzindo os cansaços  
Das raras bobinas  
De caules escassos  
Nas secas ravinas...

III

Umbu solitário,  
Ancestral refúgio,  
Meu par solidário  
Outrora com ninhos  
E cantar agreste,  
Hoje sem carinhos  
Qual triste cipreste!

Agro solidéu  
Do bardo-menino,  
Calado, franzino,  
Debaixo do céu!

E tu cinamomo  
De roda figura  
Que dizes agora?  
O grito retomo  
No choro sem cura,  
No verso que chora!

As horas dolentes  
No peito já farto,  
Os cantos gementes  
Com todos reparto,  
Às vezes sem jeito...  
Aspiro clemência  
No sonho desfeito  
Em plena querência...

IV

O salso pendido  
Tu choras por quem?  
O rancho perdido  
Do guasca-ninguém



Lamenta também  
E chora comigo  
Em choro sentido  
O total desabrigo  
Do pampa ferido...

**V**

Dos pagos, amigos,  
A face já muda!  
Costumes antigos  
O tempo transmuda  
Em tal disparada  
Que tudo refaz  
Com hostil agouro  
Deixando pra trás  
Em franco desdouro,  
No chão das campinas,  
O belo tesouro  
Das gestas sulinas...

Eu vejo com mágoa  
Os guascas banidos!  
Meu pranto desagua  
Na foz dos gemidos!

## COLÔNIA

Perfumados cachos  
De tom quase tinto  
Já deixam borrachos  
Os ares que sinto!

Ah! **dolce bambina**  
Do **nono** carinho,  
Tu tens da cantina  
O suco do vinho!

Das pipas a raspa  
Alegre me deixa!  
Empino na graspa  
A vida sem queixa.

Das uvas retiro  
O caldo gostoso,  
Da boca não tiro  
O mosto cheiroso!

Parreiras, parreiras  
São lucros contados  
Nas longas fileiras  
Dos galhos pejados...

Eu vejo gentis  
Colonas rosadas  
E loiros guris  
Nas velhas picadas!

Canto tarantelas  
Louvando os vinhedos  
E como são belas  
Nos meus finos dedos  
As polpas coradas  
Das uvas maduras,

Ao sol sezonadas  
Nas castas mais puras!

Eu sei volatinas,  
Eu sei sol-e-dós!  
Aves montesinas  
Não dizem a sós  
O bardo tristonho  
Em ritmos submerso  
Que veio brindar  
Na taça do verso  
A festa sem-par...

Que doce viver  
A mim asseguro  
Olhando a videira  
Em jorros verter  
O néctar escuro  
Que quero sorver  
Com lábios sedentos  
Buscando no Sonho  
Felizes alentos  
Enquanto deponho  
Em gestos de afago  
Nas pedras do chão  
As flores que trago...



## **CAMPO DE QUATORZE QUADRAS**

A sorte toureio  
Por cruzos e vaus!  
As rédeas tenteio  
Descendo peraus....

Coxilhas atoro  
Pra ver a chinita,  
Dos chãos onde moro  
A flor mais bonita!

Charla galponeira  
Fácil se desata  
Com cuia, chaleira  
Congonho na lata...

Fogo de batinga  
É fogo dos bons!  
A gaita resinga  
Num ronco de tons...

Lidando com tropas  
Não canso na lida!  
Tilinto nas copas  
O freio da vida!

Tenham os viventes  
Agrados amenos,  
Nas lutas ingentes  
Amor a lo menos...

No pescoço ponho  
As cangas que fiz!  
São cangas de sonho  
Com duros canzis...

Querência-o dizer  
Que graus sincero  
Pois vem de querer  
E os pagos venero!

Que chinas lindaças  
Formando rodeio!  
O bom doze braças  
Feliz reboleio....

Partidor- a raia  
De sonhos guarida!  
A crença garraia  
Não vence corrida!

No brete da mente  
-A marca nas mãos\_  
Eu marco somente  
Recuerdos bem são!

Remoso destrilho  
Se dores mangueio  
No verso sem brilho  
Que triste ponteio!

Destino malevo  
Cavalgo num upa!  
Saudades eu levo  
Lotando a garupa!

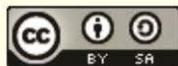
Querência- canção  
Que o vento derrama,  
Odor de rincão  
No verde da grama!



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)





Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
Após a cultura